

MÄDER, G. R. C.; MOURA, H. Masculino genérico em português: uma viagem no tempo. *ReVEL*, v. 21, n. 41, 2023. [www.revel.inf.br].

Masculino genérico em português: uma viagem no tempo¹

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder²

Heronides Moura³

mader@inventati.org

heronides@uol.com.br

RESUMO: Neste artigo, fazemos uma síntese da história do masculino genérico em português e breves comentários sobre possíveis inovações linguísticas que buscam evitar esse uso linguístico. Na introdução, definimos a terminologia e fornecemos exemplos de uso do masculino genérico em português. Na primeira seção, apresentamos duas explicações sobre o masculino genérico que são encontradas comumente na literatura: (1) o masculino é utilizado genericamente porque em português não há mais o gênero neutro, como havia em latim; (2) o masculino é utilizado genericamente porque este é o gênero não marcado em português. Na segunda seção, reconstruímos a história do masculino genérico desde o latim e demonstramos que as duas mencionadas explicações não se sustentam. A terceira seção tem um caráter mais especulativo. Nela comentamos sobre novos usos linguísticos que têm sido criados para evitar-se o masculino genérico e, fazendo comparações com outras línguas, especulamos sobre os possíveis caminhos que podem tomar essas inovações linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: masculino; genérico; neutro.

ABSTRACT: In this article, we provide a synthesis of the history of the generic masculine in Portuguese and offer brief comments on possible linguistic innovations aimed at avoiding this linguistic usage. In the introduction, we define the terminology and provide examples of the use of the generic masculine in Portuguese. In the first section, we present two explanations for the use of the generic masculine

¹ Agradecemos aos/às dois/duas pareceristas anônimos/as por suas valiosas sugestões, correções e críticas, as quais incorporamos em sua maioria na versão final deste artigo. Os erros e incorreções que houverem permanecido são de inteira responsabilidade dos autores.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorando em Linguística na mesma instituição.

³ Professor titular de Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina.

commonly found in the literature: (1) the masculine is used generically because Portuguese no longer has a neuter gender, as Latin did; (2) the masculine is used generically because it is the unmarked gender in Portuguese. In the second section, we reconstruct the history of the generic masculine from Latin and demonstrate that the two explanations mentioned earlier do not hold up. The third section has a more speculative nature. In it, we comment on new linguistic usages that have been created to avoid the generic masculine, and, by drawing comparisons with other languages, we speculate on the possible paths that these linguistic innovations may take.

KEYWORDS: masculine; generic; neuter.

Introdução

Muito se discute atualmente, dentro e fora da academia, sobre a chamada “linguagem neutra”. Também denominada “linguagem inclusiva”, “linguagem não-sexista”, esse projeto político-linguístico surge da percepção, por parte de algumas comunidades de fala, de que o uso do gênero gramatical masculino para a referência genérica ou coletiva a seres humanos é uma prática linguística machista.

Este artigo pretende atingir dois objetivos. Em primeiro lugar, pretendemos reconstruir a história do masculino genérico em língua portuguesa. Em segundo lugar, tencionamos avaliar a possibilidade de formas linguísticas alternativas serem introduzidas na língua portuguesa, evitando-se, com elas, o masculino genérico.

A nomenclatura dos conceitos trabalhados no âmbito deste debate ainda não está estabelecida, e, portanto, parece conveniente organizarmos os conceitos e seus rótulos antes de adentrarmos a discussão. Neste artigo, evitaremos a denominação “linguagem neutra” para que não haja confusão com o gênero gramatical neutro, que existia em latim e ainda existe em outras línguas indo-europeias. Escolhemos o termo “linguagem não-sexista” para referirmo-nos ao conjunto de práticas linguísticas que buscam evitar palavras, expressões idiomáticas e construções gramaticais percebidas como portadoras de conotações sexistas, por exemplo, o uso do gênero gramatical masculino na referência genérico-coletiva a seres humanos.

Esse termo de que acabamos de falar – “referência genérico-coletiva” – designa um conceito ao qual vale a pena dar uma definição mais precisa. Autoras e autores (por exemplo Gouveia 1998; Caldas-Coulthard 2007; Mäder; Moura 2015; entre outros e outras) denominam “masculino genérico” o uso do gênero gramatical masculino para

a referência “genérica” a seres humanos, isto é, em enunciados nos quais falamos de uma pessoa cujo gênero não conhecemos no momento de enunciação. Numa definição mais técnica, trata-se de casos de referência não específica, definida (1a) ou indefinida (1b). Vejamos alguns exemplos retirados do portal de notícias do Grupo Globo (g1.globo.com).

- (1) a. Agora, **o** brasileiro ganha, em média R\$ 1.066,10. (def. ã-esp.)
b. [...] perdi a minha receita, e preciso de **um** médico. (indef. ã-esp.)

Nesses enunciados, apesar de não podermos determinar o gênero da pessoa a quem nos estamos referindo, somos obrigados a selecionar um dos dois gêneros gramaticais do português – masculino ou feminino – e habitualmente escolhemos o gênero masculino. Também há outra situação, distinta da referência genérica a seres humanos, mas na qual nos utilizamos do mesmo expediente: a referência coletiva a mais de um indivíduo numa mesma palavra. Apesar de podermos referir-nos a um grupo de pessoas através de um único nome no plural, se esse grupo for composto de homens e mulheres, somos obrigados a fazer a escolha ao selecionar o gênero: masculino ou feminino. Abstenção, nesse caso, como em geral acontece com categorias gramaticais, não é possível⁴. Vejamos o seguinte exemplo, também retirado do mesmo portal de notícias:

- (2) Redes municipais e estaduais de ensino voltaram a receber **os** alunos 100% presencialmente após quase dois anos de mudanças causadas pela pandemia.

A mesma questão, a escolha entre masculino e feminino, ocorre na concordância de gênero com sintagmas nominais compostos por nomes de gêneros gramaticais diferentes, cujo termo técnico é “resolução de gênero” (Corbett 1991: 261-306). Vejamos alguns exemplos de resolução de gênero, com nomes referentes a seres

⁴ Mattoso-Câmara diz que o gênero gramatical “como expressão formal, é uma divisão imperativa. Ficam forçados a entrar no seu quadro todos os itens lexicais da espécie dos substantivos” (Mattoso Câmara 1972; cf. também Jakobson 1959, sobre a obrigatoriedade da escolha de determinados elementos gramaticais).

humanos (3a) e nomes referentes a seres inanimados (3b), também da mesma fonte que os exemplos anteriores.

- (3) a. Carlos e Mariana Arasaki chegarão **aos** 12 filhos, praticamente um por ano desde o casamento **dos dois** [...]
b. Corregedoria da PM analisa dados de GPS **dos** carros e motos **usados** na ação em Paraisópolis.

Assim como na referência genérica e na referência coletiva, na resolução de gênero também escolhemos habitualmente o gênero masculino, embora em todos esses casos a escolha do gênero gramatical seja sensível a fatores extralinguísticos. Com alguns nomes de profissão, por exemplo, podemos encontrar o feminino genérico, como neste título de reportagem da versão on-line da revista “Isto É Dinheiro”:

- (4) Enfermeiras e médicos, os “heróis” da batalha contra o novo coronavírus.

No exemplo em (4), pelo contexto, fica claro que pessoas de ambos os gêneros, nas duas profissões mencionadas, são importantes na batalha contra o novo coronavírus. No entanto, **enfermeiras** está no feminino genérico, e **médicos** está no masculino genérico. A escolha entre feminino genérico e masculino genérico, dependendo do grupo de profissionais a que nos estamos referindo, não se dá ao acaso. Essa escolha é influenciada por fatores extralinguísticos como a proporção entre homens e mulheres atuantes em cada profissão, a constituição histórica dessas profissões e os estereótipos de gênero associados a elas.

Tanto no caso da referência genérica quanto no da referência coletiva, nenhuma das escolhas representa integralmente os referentes extralinguísticos. Portanto, reuniremos numa mesma categoria esses dois usos linguísticos, chamando-a de “referência genérico-coletiva”, e o uso do gênero gramatical masculino nesse tipo de referência será denominado “masculino genérico-coletivo”, ou mais simplesmente “masculino genérico”, por ser um termo que já se encontra em uso.

Neste artigo, apresentaremos este objeto de estudo – o “masculino genérico” – a partir de uma perspectiva diacrônica. Podemos representá-lo como se fosse um filme. Conhecemos os capítulos a que já assistimos, estamos vendo desenrolar-se a trama, e apenas podemos imaginar quais serão as reviravoltas da história. Assim, dividiremos o artigo em três seções: presente, passado e futuro. Na seção relativa ao futuro, discutiremos a possibilidade de novas formas linguísticas serem introduzidas na língua portuguesa, as quais teriam a função de evitar o uso do masculino genérico. Caso essas formas venham a preponderar no futuro, o nosso protagonista (o masculino genérico) perderia espaço para formas concorrentes.

1. Presente

Na introdução deste artigo, dissemos que evitaríamos a denominação “linguagem neutra” pelo risco de se permitir ilações indevidas com o gênero gramatical neutro que existia em latim. Na discussão sobre sexismo linguístico, é comum ouvirmos de ambos os lados (pró e contra linguagem inclusiva) a afirmação, sobretudo em comentários leigos sobre o tema, de que usamos o masculino genérico porque o português não tem mais o gênero neutro tal como existia em latim, e o masculino teria assumido as funções do extinto gênero neutro. Por exemplo, encontramos em artigo da Gazeta do Povo:

Essa regra, chamada por pesquisadores da área de “masculino genérico”, surge nas origens da língua portuguesa. No latim, as palavras podiam receber três marcações de gênero: feminino, masculino e neutro [...]. Na transição do latim para o português, a semelhança entre masculino e neutro fez com que ambas as categorias fossem resumidas em uma só, que hoje entendemos como masculino (Muniz 2018).

De fato, na passagem do latim para o português, o gênero gramatical neutro desapareceu, e o gênero gramatical masculino assumiu as funções do neutro, mas não é por isso que se usa o masculino genérico em português. Como veremos na seção a seguir, em latim, é o gênero gramatical masculino que é usado na referência genérico-coletiva a seres humanos, assim como em português.

Na literatura linguística, encontram-se posições teóricas que, embora não afirmem que o masculino genérico se deva à perda do gênero neutro do latim, fazem uma análise equivocada sobre o masculino genérico, a partir de uma descrição do masculino como gênero não marcado. Uma dessas análises é a de John W. Martin (1975), que argumenta que o masculino é o gênero não marcado, com base nos seguintes exemplos:

- (5) O pé está cheio de limão (Martin 1975: 4).
- (6) A praia está cheia de crianças (Martin 1975: 6).

Em (5), o adjetivo **cheio** concorda em gênero com o substantivo **pé**. Em (6), o adjetivo **cheia** concorda em gênero com o substantivo **praia**. Até aí, não há nada de novidade. O predicativo concorda em gênero com o sujeito, o adjetivo concorda em gênero com o substantivo. O autor então apresenta outros dois exemplos:

- (7) Está cheio de limão no pé (Martin 1975: 4).
- (8) Está cheio de crianças na praia (Martin 1975: 5).

Nesses exemplos, não se pode considerar que o adjetivo **cheio** esteja concordando com os substantivos **limão** ou **pé** em (7), pois estes não são sujeitos, mas objetos de preposição. Muito menos podem estar concordando com **crianças** ou **praia** em (8), pois, além de serem objetos de preposição, são substantivos femininos. O exemplo em (8) é gramatical, e a sua versão com o adjetivo na forma feminina é claramente agramatical:

- (9) * Está cheia de crianças na praia.

As orações em (7-8) não têm sujeito, e, portanto, o adjetivo no predicado não pode estar concordando em gênero com nenhum elemento sintático da oração. Martin (1975: 4) continua com outros exemplos:

- (10) Um sorvete seria ótimo.
(11) Uma cerveja seria ótimo.

Em (10), **ótimo** parece concordar em gênero com **sorvete**, e a oração é gramatical. Em (11), é evidente que **ótimo** não está concordando em gênero com **cerveja**, e, no entanto, a oração também é gramatical. O mesmo exemplo com o adjetivo no feminino seria agramatical:

- (12) * Uma cerveja seria ótima.

O que acontece nas orações em (10-11) é que **um sorvete** e **uma cerveja** não são os sujeitos das suas respectivas orações, mas, de acordo com Martin, são o objeto de um verbo (**tomarmos**) que, nas suas palavras, “ao ser omitido, fica ‘subentendido’ por força do contexto”. Isto é, o predicado, nesses exemplos, não concorda com um substantivo, mas com uma oração. Com base nesses exemplos, Martin conclui que a forma feminina dos adjetivos ocorre apenas quando estes estão relacionados com um substantivo feminino, e a forma masculina ocorre em todas as outras situações: quando estão relacionados com um substantivo masculino, e também quando não estão relacionados com substantivo algum.

Assim, adjetivos como **cheio** têm duas formas: uma que aparece apenas quando os adjetivos estão relacionados com substantivos que, nas palavras de Martin, “marcam” o gênero – ele os chama “marcantes” (são os adjetivos femininos) – e outra forma que aparece em todos os outros casos, quando estão relacionados com substantivos “não marcantes” (são os masculinos) e quando não estão relacionados com substantivo algum. Esta última então seria a forma “não marcada” do adjetivo. Martin (1975: 8) conclui assim a sua exposição:

No lugar de «gênero», então, fica o conceito de adjetivos marcados ou não marcados. Os marcados correspondem aos «femininos» da gramática escolar, e aparecem somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo marcante. Os não marcados aparecem EM TODAS AS OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, haja ou não um substantivo a eles relacionado. É este último fato que determina que o assunto não seja uma mera questiúncula terminológica, pois

as conclusões dele decorrentes transformam dum modo essencial nossa maneira de encarar a categorização dos substantivos e o fenômeno da concordância adjetiva.

Martin não trata, no seu artigo, especificamente do “masculino genérico”, fazendo apenas menção, em nota de rodapé (Martin 1975: 8), ao fenômeno da concordância no masculino com sintagmas nominais compostos por substantivos de gêneros diferentes.

Nos termos da gramática tradicional, diz-se que o “masculino” predomina em tais casos. Na análise aqui proposta, haveria que dizer que um adjetivo fica marcado somente quando relacionado exclusivamente a substantivo(s) marcantes(s). Se a diferença é sutil, nem por isso é menos importante: o processo de marcação se realiza somente em contextos “puros”. Não havendo um tal contexto, não haverá, tampouco, concordância. Desaparece assim a noção de “predominância do masculino” e surge, em seu lugar, a da não marcação, exceto nesses casos em que o adjetivo é relacionado ao contexto puro de substantivo capaz de marcá-lo.

Outros autores, retomando a argumentação de Martin sobre o “gênero não marcado”, estendem-na para a análise de contextos de uso do masculino genérico, como Possenti (2022):

Mas não parece bobagem falar de formas sem marca de gênero, depois de ouvir o contrário durante séculos? Segundo essa tese, não. As palavras ditas masculinas são não marcadas. É por isso que se diz “o circo tem dez leões”, mesmo que haja ali cinco leões e cinco leoas, mas não se diz, no mesmo caso, que tem dez leoas. Também é por isso que se tem dito: “Todos nascem iguais em direitos”, o que inclui as mulheres, mas não se incluiriam os homens se a forma fosse “todas nascem iguais em direitos”.

Este é o eixo central do argumento dos defensores do masculino genérico no debate acadêmico sobre o tema na literatura linguística contemporânea. Não defendem o masculino genérico afirmando a superioridade do masculino sobre o feminino, mas defendem-no justificando o uso do masculino como genérico por ser o gênero “não marcado”. Na próxima seção, veremos por que essa argumentação não se sustenta.

2. Passado

Em latim, havia três gêneros gramaticais: masculino, feminino e neutro. Ao longo da evolução do latim para o português, o gênero neutro extinguiu-se (Coutinho 1976: 229–31; Ernout 1914: 2–4; Grandgent 2009: 144–7; Loporcaro 2018; Williams 1962: 7). Nos parágrafos seguintes, vamos recontar essa história para entender as consequências da extinção do gênero neutro na passagem do latim para o português.

Já no latim clássico, os paradigmas flexionais de nomes masculinos e nomes neutros eram bastante semelhantes: nos casos genitivo, dativo e ablativo, as formas eram as mesmas, assim como no acusativo singular, distinguindo-se apenas no nominativo e no vocativo, em ambos os números gramaticais, e no acusativo plural. Em algumas declinações, mesmo o vocativo e o nominativo singulares eram iguais. Vejamos no quadro abaixo alguns exemplos de nomes da segunda declinação, que contém na sua maioria nomes masculinos e neutros e na qual há o maior número de formas diferentes. As formas sincréticas estão destacadas em negrito. Das formas possíveis, dois terços são idênticas entre masculino e neutro.

	<i>masculino</i>		<i>neutro</i>	
	dominus “senhor”		bellum “guerra”	
	<i>singular</i>	<i>plural</i>	<i>singular</i>	<i>plural</i>
<i>nominativo</i>	dominus	domini	bellum	bella
<i>vocativo</i>	domine			
<i>acusativo</i>	dominum	dominos		
<i>genitivo</i>	domini	dominorum	belli	bellorum
<i>dativo</i>	domino	dominis	bello	bellis
<i>ablativo</i>				

Quadro 1: Nomes masculinos e neutros da segunda declinação no latim clássico

Além dessa semelhança formal entre os gêneros masculino e neutro, desde o período clássico verificava-se alguma oscilação dos nomes entre os três gêneros

gramaticais, com alguns caminhos particularmente mais frequentes. Em Petronio, encontram-se alguns exemplos de mudança do masculino para o neutro: **thesaurum**, **libra**, **catilla** em vez de **thesaurus** ‘tesouro’, **libri** ‘livros’, **catilli** ‘pratinhos’ (os dois últimos no plural); e do feminino para o neutro: **margaritum** em vez de **margarita** ‘pérola’. Em Célio Aureliano, encontramos **palpebrum** em vez de **palpebra** ‘pálpebra’. O gênero neutro, em especial, já demonstrava uma tendência a esvaziar-se ao longo da evolução da língua latina, perdendo os seus nomes para os outros gêneros, principalmente para o masculino. Encontram-se exemplos de passagem do neutro para o feminino em Petronio: **rapa** em vez de **rapum** ‘nabo’; em Comodiano: **promissa** em vez de **promissum** ‘promessa’; e há os exemplos mais numerosos de passagem do neutro para o masculino: **dorsus**, em Plauto, em vez de **dorsum** ‘dorso’, e em Petronio: **lactem** (acus. de **lactis**⁵), **vinus**, **candelabrus** em vez de **lac** ‘leite’, **vinum** ‘vinho’, **candelabrum** ‘candelabro’ (Loporcaro 2018: 19).

No latim vulgar, a extinção do gênero neutro foi acelerada pela erosão fonética que impactou as desinências de acusativo singular de nomes masculinos e neutros, e nominativo singular de nomes neutros (-m), e nominativo singular de nomes masculinos (-s), reduzindo ainda mais a distinção morfológica entre os gêneros masculino e neutro. As desinências do masculino e do neutro tornaram-se praticamente as mesmas. Vejamos no quadro abaixo exemplos dessa redução fonética (adaptado de Grandgent 2009: 145). As desinências que se esvaziaram foneticamente estão indicadas entre parênteses.

	<i>masculino</i>		<i>neutro</i>	
	filius “filho”		folium “folha”	
	<i>singular</i>	<i>plural</i>	<i>singular</i>	<i>plural</i>

⁵ Reanálise do substantivo **lac** (neutro) a partir do genitivo **lactis**, dando origem a **lactis** (masculino).

<i>nominativo</i>	filiu(s)	filii	foliu(m)	folia
<i>vocativo</i>	filii			
<i>acusativo</i>	filiu(m)	filio(s)		
<i>genitivo</i>	filii	filioru(m)	folii	folioru(m)
<i>dativo</i>	filio	filii(s)	folio	folii(s)
<i>ablativo</i>				

Quadro 2: Nomes masculinos e neutros da segunda declinação no latim vulgar

Além da confusão morfológica entre nomes masculinos e neutros devido à erosão fonética dos sufixos marcadores de caso gramatical, a desinência do neutro plural (-a) também passou a ser eventualmente usada como uma desinência alternativa para o plural dos nomes masculinos, por exemplo, **nervia**⁶ ao lado de **nervi** ‘nervos’, e **rivora** como plural de **rivus** ‘riacho’ (Grandgent 2009: 146). A crescente indistinção morfológica entre nomes masculinos e neutros só fez acelerar o desaparecimento do gênero neutro na maioria das línguas românicas⁷. Assim, nomes neutros foram reanalisados na sua maioria como nomes masculinos, e alguns foram reanalisados, a partir da sua forma plural, como nomes femininos singulares da primeira declinação, pela coincidência da desinência de nomes singulares da primeira declinação, que continha majoritariamente nomes femininos, com a desinência dos nomes neutros plurais no nominativo e no acusativo (-a).

Nos parágrafos precedentes, vimos brevemente algumas etapas do processo de desaparecimento do gênero neutro na passagem do latim para o português. Agora vejamos quais funções desempenhava o gênero neutro.

Além do seu uso primário, lexical – a concordância morfossintática de adjetivos e outras classes de palavras com uma determinada classe de substantivos – o gênero

⁶ Em amasenês, um dialeto italiano falado na comuna de Amaseno, província de Frosinone, na região do Lácio, ainda hoje se atestam variantes desse substantivo no plural: **nérbəla/nerva/nérbəli** (Loporcaro 2018: 218).

⁷ Das línguas românicas mais importantes, apenas o romeno mantém o gênero gramatical neutro em pleno funcionamento. Em alguns dialetos italianos meridionais, o neutro ainda persiste como gênero gramatical (Loporcaro 2018).

gramatical neutro cumpria em latim outras funções, elencadas a seguir em (b). Os exemplos em latim são retirados de Loporcaro (2018: 16, 23).

(a) função típica – concordância com controladores canônicos: nomes neutros

cum [...] iam in foro celebratum meum nomen esset
 como já em fórum(N).SG.ABL celebrado.N.NOM.SG meu.N.NOM nome(N) fosse
 “embora meu nome já fosse celebrado no fórum”

Seleciona-se a forma neutra do possessivo (**meum**) e do adjetivo (**celebratum**) em função do gênero do substantivo (**nomen**). As formas masculina e feminina do adjetivo possessivo são, respectivamente, **meus** e **mea**, e do adjetivo, **celebratus** e **celebrata**.

(b) funções atípicas – concordância com controladores não-canônicos:

(i) sujeitos oracionais⁸

dulce et decorum est pro patria mori
 doce.N.NOM.SG e honroso.N.NOM.SG é por pátria(F).ABL.SG morrer
 “é doce e honroso morrer pela pátria” (trad. Coutinho 1976: 231).

Os adjetivos **dulce** e **decorum** concordam no gênero neutro com a oração reduzida de infinitivo **pro patria mori**. O primeiro adjetivo, no masculino e no feminino, tem a forma **dulcis**, e o segundo tem a forma **decorus** no masculino e **decora** no feminino.

pergratum est mihi quod tam diligenter libros auunculi
 agradável.N.NOM.SG é 1.sg.DAT que tão diligentemente livros.ACUS tio.GEN
 mei lectitas
 meu.GEN estudas

“agrada-me muito que estudes tão diligentemente os livros de meu tio”

O adjetivo **pergratum** flexiona-se no gênero neutro em concordância com a oração subordinada introduzida pela conjunção **quod**. No masculino, o adjetivo tem a forma **pergratus**, e no feminino, **pergrata**.

⁸ Essa função do gênero neutro é atestada em todas as línguas indo-europeias que mantêm uma divisão tripartite (masculino, feminino e neutro) no sistema de gêneros gramaticais, e provavelmente o uso do gênero neutro nesses contextos remonte ao proto-indo-europeu (Loporcaro 2018: 23).

(ii) trechos de discurso

Negat Piso scire se [...], negat Calenus rem ullam nouam
 nega Pisão saber se nega Caleno coisa.ACUS alguma.ACUS nova.ACUS
 allatam esse; atque **id** nunc negant, posteaquam [...]

acontecida ser e **isso** agora negam depois

“Pisão nega saber algo [...] Caleno nega que algo novo tenha ocorrido; e negam **isso** agora, depois [...]”

O pronome neutro **id** retoma um trecho do discurso (as orações precedentes). Em português essa função é desempenhada pela série de pronomes **isto/isso/aquilo**, que se opõe paradigmaticamente às séries **este/esse/aquele** (masculino) e **esta/essa/aquela** (feminino).

(iii) adjetivos com função predicativa

triste lupus stabulis

triste.N.NOM lobo(M).NOM estábulos(N).DAT

“é (algo) triste lobo para os estábulos”

O adjetivo **triste** (neutro) não concorda com **lupus**, que é masculino, nem com **stabulis**, que é nome neutro, mas está no dativo plural.⁹

turpitude peius est quam dolor

vergonha(F) pior(N) é que dor(M)

“vergonha é pior que dor”

O adjetivo neutro **peius** não pode estar concordando com nenhum substantivo nesta oração, pois **turpitude** é feminino, e **dolor** é masculino. A forma masculina/feminina do adjetivo é **peior**. O sentido da frase é “sentir vergonha é pior do que sentir dor”.

(iv) adjetivos nominalizados

pulchrum; justum; omnia (Coutinho 1976: 231)

⁹ E é claro que um lobo nos estábulos não está nada triste. O que é algo triste para os estábulos é **haver** lobo por perto. Compare com “Uma cerveja seria ótimo / *Uma cerveja seria ótima”: não é a cerveja que seria ótima, mas é **tomar** uma cerveja que seria ótimo.

“o belo”; “o justo”; “todas as coisas”

(v) resolução de gênero

murus et porta de caelo tacta erant (Corbett 1991: 287)

muro(M) e portão(F) de céu(M/N) tocados.N.PL eram

“o muro e o portão eram atingidos por raios”

Substantivos inanimados coordenados dentro de um mesmo sintagma nominal pedem a concordância do predicado no gênero neutro, ainda que nenhum dos substantivos que compõem o sujeito seja neutro. Neste exemplo, **murus** é masculino, **porta** é feminino, e o particípio **tacta** está no neutro nominativo plural. No masculino plural a forma do particípio seria **tacti**, e no feminino plural, **tactae**.

Em algumas línguas românicas, parte dessas funções continuaram a ser desempenhadas por uma forma própria, distinta do masculino. O exemplo mais interessante é o dialeto sobresselvano da língua romanche, em que os substantivos estão todos divididos em dois gêneros, masculino e feminino, assim como em português. Artigos e adjetivos, porém, apresentam uma terceira forma, chamada “neutral”, além das formas masculina e feminina. Ou seja, há um terceiro gênero gramatical, que provém diretamente do gênero neutro latino. Esse gênero gramatical não contém nenhum substantivo, sendo utilizado apenas para a concordância morfossintática com controladores não canônicos, como sujeitos oracionais. Vejamos os exemplos, recolhidos de Loporcaro (2018: 76-8). Em (13a), temos predicados com adjetivos masculinos, em (13b), femininos, e em (13c), neutrais. Em seguida, apresentamos um quadro com as formas dos adjetivos nos três gêneros.

- (13) a. il cudesch ei bials
o livro(M) é bonito
“o livro é bonito”

il paun ei cars

o pão(M) é caro
“o pão é caro”

el ei buns
ele é bom.M
“ele é bom”

- b. l' aura ei biala
a clima(F) é bonita
“o tempo está bom”

la carn ei cara
a carne(F) é cara
“a carne é cara”

- c. igl ei bi dad ir ord casa
3.SG.N é bonito(N) de ir fora casa
“está bom para sair de casa”

tut ei car
tudo é caro(N)
“tudo é caro”

caschiel ei bien
queijo(M) é bom(N)
“[comer] queijo é bom”

cigarettas ei nuscheivel
cigarros(F) é nocivo(N)
“[fumar] cigarro faz mal”

<i>masculino</i>	<i>feminino</i>	<i>neutral</i>
bials	biala	bi
buns	buna	bien
cars	cara	car

Quadro 3: Flexão de adjetivos nos três gêneros do dialeto sobresselvano da língua romanche

Essa forma neutral do adjetivo é também a forma utilizada para o particípio passado com o verbo **haver** (escreve-se igual ao português) na formação de tempos compostos, nas mesmas construções gramaticais que, em português, exigem a forma masculina singular do particípio passado do verbo.

- (14) la malsogna ha caschunau biaras unfrendas
 a doença(F) há causado(N) várias vítimas(F)
 “a doença causou várias vítimas”

Num exemplo mais próximo da nossa língua, em espanhol, há uma forma especial do artigo definido que é utilizada apenas para a nominalização de adjetivos, sendo um resquício do gênero neutro em latim, o artigo **lo**: “lo verdadero, lo bello, lo bueno”, com o sentido de “o que é verdadeiro/belo/bom, as coisas verdadeiras/belas/boas”. Vejamos a diferença entre as formas neutra e masculina do artigo definido em espanhol, comparando-as com seus equivalentes em português, através do cotejamento de trechos de traduções da Bíblia nesses dois idiomas. O exemplo em (15) é retirado de Filipenses 4:8, e o exemplo em (16), de Provérbios 28:6.

Em ambos os exemplos, a versão em espanhol¹⁰ precede a versão em português¹¹. Incluímos ao final a versão em latim¹², para fins de comparação.

- (15) a. Por lo demás, hermanos, **todo lo que es verdadero, todo lo honesto, todo lo justo, todo lo puro, todo lo amable, todo lo que es de buen nombre**; si hay virtud alguna, si algo digno de alabanza, en **esto** pensad.
- b. Quanto ao mais, irmãos, **tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama**, se há alguma virtude, e se há algum louvor, **nisso** pensai.
- c. De cetero, fratres, **quaecumque sunt vera, quaecumque pudica, quaecumque iusta, quaecumque casta, quaecumque amabilia, quaecumque** bonae famae, si qua virtus et si qua laus, **haec** cogitate.
- (16) a. Mejor es **el pobre** que camina en su integridad, que **el** de perversos caminos y **rico**.
- b. Melhor é **o pobre** que anda na sua integridade, do que **o rico** perverso nos seus caminhos.
- c. **Melior** est **pauper** ambulans in simplicitate sua quam **perversus** in viis suis, quamquam **dives**.

Comparando os exemplos (15) e (16), vemos como a nominalização dos adjetivos em (15) se distingue daquela em (16). No exemplo em (15), o artigo **lo** nominaliza o adjetivo dando origem a substantivos com um significado de “a coisa que tem/as coisas que têm tal qualidade”. Esses adjetivos, na versão em latim, estão no neutro plural (**vera, pudica, iusta, casta, amabilia**)¹³. Já no exemplo em (16), o artigo **el** é

¹⁰ Reina-Valera revisada (1960).

¹¹ Almeida revista e atualizada (1959).

¹² Nova Vulgata (1979).

¹³ V. item (iv) das funções atípicas do gênero neutro, apresentadas mais acima.

utilizado para nominalizações de adjetivos que resultam em substantivos com o significado de “a pessoa que tem tal qualidade”. Na versão em latim, os adjetivos correspondentes estão no masculino singular¹⁴.

Em português, praticamente todas essas funções atípicas do gênero neutro em latim foram assumidas pelo gênero masculino, com exceção da série de pronomes indefinidos **isto/isso/aquilo, tudo/nada, algo**, como já bem observara Mattoso-Câmara (1972), que mantêm ainda hoje, exclusivamente, parte da função desempenhada pelo gênero neutro em latim.

Perceba-se que essas funções, especialmente a concordância do predicado com sujeitos não nominais, são exatamente o contexto linguístico dos exemplos apresentados por Martin para caracterizar o masculino como o gênero não marcado em português, análise esta que é adotada e reproduzida por vários linguistas desde então. Vamos retomar os exemplos de Martin:

- (7) Está cheio de limão no pé.
- (8) Está cheio de crianças na praia.
- (10) Um sorvete seria ótimo.
- (11) Uma cerveja seria ótimo.

As orações em (7-8, 10-11) apresentam o mesmo fenômeno que se observa nas funções atípicas do neutro em latim. Nesses exemplos (sujeito inexistente ou sujeito oracional), o adjetivo não concorda com nenhum elemento observável na frase. Quando o adjetivo não está relacionado com um substantivo, em latim, como demonstramos nos exemplos anteriores, ele flexiona-se no gênero neutro, e em português flexiona-se no gênero masculino. Portanto, se aplicássemos para o latim os testes que Martin faz para determinar o gênero não marcado em português, o gênero neutro seria o gênero não marcado em latim.

¹⁴ Embora os adjetivos nominalizados **pauper** e **dives** apresentem a mesma forma para os três gêneros gramaticais, comprova-se que estão no masculino pela concordância dos adjetivos: **melior** (masculino/feminino; o neutro seria **melius**) e **perversus** (masculino; o feminino seria **perversa**, e o neutro, **perversum**).

Se considerarmos a extensão que Possenti faz da argumentação de Martin, tanto o neutro quanto o masculino seriam gêneros não marcados em latim e em outras línguas indo-europeias que ainda preservam a distinção tripartite entre masculino, feminino e neutro. Haveria então nessas línguas dois gêneros não marcados e um gênero marcado (o feminino)? O fato de, segundo os próprios critérios dos autores que defendem a descrição do gênero não marcado, haver mais de um gênero não marcado, parece inviabilizar essa proposta.

Voltando ao gênero neutro em latim, como vimos anteriormente, esse gênero gramatical fundiu-se ao gênero masculino na evolução do latim para o português. Logo, é natural que o masculino desempenhe em português as funções que desempenhava o neutro em latim. Entretanto, uma das funções que o gênero gramatical neutro **não** desempenhava em latim era a referência genérico-coletiva a seres humanos. Essa função já era desempenhada, assim como hoje em português, pelo gênero masculino. Vejamos os seguintes exemplos:

- (17) *quam pridem pater mihi et mater **mortui** essent*¹⁵
 quão muito_tempo pai me.DAT e mãe mortos fossem
 “há quanto tempo meu pai e minha mãe estavam mortos”

No exemplo (17), citado por Corbett (1991: 287) como exemplo de resolução de gênero em latim, o sujeito é composto por dois substantivos, um no masculino, o outro no feminino, e o particípio passado **mortui** está flexionado no número plural, no gênero masculino (o feminino seria **mortuae**, e o neutro seria **mortua**). Em latim, sintagmas nominais compostos por substantivos de gêneros diferentes, quando denotam seres humanos, exigem concordância no gênero gramatical masculino; quando denotam seres inanimados, a concordância de gênero se faz no gênero gramatical neutro¹⁶.

¹⁵ Terêncio, *O Eunuco* III.515.

¹⁶ V. item (v) das funções atípicas do gênero neutro, apresentadas mais acima.

Para a referência coletiva a seres humanos, em latim também se usava o masculino. Corbett (1991: 297) cita a palavra **liberi** (masculino plural), que pode denotar crianças de ambos os gêneros. Vejamos o exemplo a seguir, encontrado em Cícero.

- (18) cum Romae domus eius, uxor, **liberi** sint¹⁷
 como em_Roma casa 3.SG.GEN esposa crianças(M).PL sejam
 “visto que sua casa, sua esposa e suas crianças estão em Roma”

Um exemplo de uso do gênero gramatical masculino para a referência genérica em latim encontra-se na famosa frase de Ênio, referida em outra obra de Cícero:

- (19) **amicus certus** in re incerta cernitur¹⁸
 amigo certo em coisa.ABL incerta percebe.PASS
 “o amigo certo na situação incerta se revela”

Pelo contexto, pelo caráter gnômico da frase, podemos considerar que o substantivo **amicus** esteja sendo usado em referência genérica: amigo, amiga, qualquer pessoa com quem tenhamos verdadeira amizade, independentemente do seu gênero.

Portanto, era o gênero gramatical masculino que era usado em latim para a referência genérico-coletiva a seres humanos, assim como para a resolução de gênero com sintagmas nominais compostos de substantivos de gêneros diferentes, quando denotavam seres humanos. Ademais, o neutro em latim, assim como ainda hoje em dia nas línguas indo-europeias que preservaram esse gênero gramatical, continha praticamente apenas nomes com referentes inanimados, e o seu uso para referentes humanos ocorria em casos excepcionais.

¹⁷ Cícero, *Em defesa de Quíncio XVII*.

¹⁸ Cícero, *Sobre a amizade XVII.64*.

O neutro [...] era o único valor de gênero que demonstrava uma grande correlação com a semântica, visto que todos os seus nomes denotavam referentes [-animados], com exceção de termos que denotam classes (p. ex. **animal**) e um punhado de exceções: **mancipium** “servo”, **prostibulum** e **scortum** “prostituta”, **testimonium** “testemunha” (Loporcaro 2018: 28).

Portanto, a afirmação de que se usa o masculino genérico em português pelo fato de o masculino ser o gênero não marcado não se sustenta. A explicação mais simples para o fenômeno do masculino genérico é que a função de referência genérico-coletiva já era desempenhada pelo masculino em latim. Em português, o gênero masculino apenas manteve essa função. O que aconteceu na evolução da língua é que o masculino, tendo absorvido o gênero neutro, assumiu também as suas funções secundárias, como concordância com sujeitos não nominais e nominalização de adjetivos.

Com base nessa análise, pode-se supor que, desde o latim, o masculino genérico correspondia a um uso sexista da linguagem, no qual a referência a termos masculinos tem preponderância sobre a referência a termos femininos.

3. Futuro

Como vimos nas seções anteriores, a expressão de identidade de gênero por meio dos gêneros gramaticais tende a ser sexista, tanto no latim quanto no português. Isso ocorre porque o gênero gramatical masculino é usado em um número maior de contextos e em especial na função de masculino genérico. Assim, se quisermos nos dirigir a uma turma formada preponderantemente por mulheres, costumamos usar o gênero masculino, apagando a presença de mulheres e, igualmente, a de pessoas não-binárias. No contexto citado, se um gênero gramatical tiver de ser escolhido, esse gênero será na maioria das vezes o masculino, e nos referiremos à turma com a expressão **os alunos**.

No latim ocorria a mesma situação, apesar da existência nessa língua do gênero neutro. Para a referência a uma turma mista de alunos, no latim se usaria o masculino e não o gênero neutro: **alumni**¹⁹.

Portanto, o masculino genérico é uma herança que vem desde o passado e que persiste no português contemporâneo. Esse uso implica que, havendo homens e mulheres em um dado contexto, o gênero gramatical escolhido será muito provavelmente o masculino. Quanto às pessoas não-binárias, não haveria sequer um gênero gramatical que pudesse expressá-las.

Esta é a situação tanto do passado quanto do presente, mas e quanto ao futuro? Um novo gênero gramatical poderia ser criado, que pudesse ser usado indistintamente para a referência a pessoas de diferentes gêneros (homens, mulheres, pessoas não binárias)?

Essa tentativa de criação de um novo gênero gramatical é o que está por trás da proposta de uso de termos como **todes**, **alunes** etc.

Voltando a usar a metáfora forjada mais acima, uma língua é como um filme, com novas cenas e situações se sucedendo no tempo. O contexto inicial pode se transformar radicalmente, e alguns personagens podem sumir ou adquirir novos aspectos, ao passo que outros podem entrar em cena ao longo da história. Por exemplo, o gênero neutro, presente no latim, deixou de existir no português. Por outro lado, não havia artigos no latim, e eles passaram a existir no português (**alumni** > **os alunos**).

Uma língua, de fato, pode sofrer enormes transformações, como um filme que tem um final surpreendente. Assim, embora não se tenha notícias de desenvolvimentos similares em outras línguas, não é possível afirmar que está vedada a criação de um terceiro gênero gramatical no português para evitar o masculino genérico.

Vamos enumerar a seguir alguns desafios que precisariam ser superados na criação de um terceiro gênero gramatical no português.

O primeiro é que as mudanças gramaticais são lentas e obedecem a determinados padrões, como já foi observado em diferentes estudos (Bybee 2020). Por exemplo, a criação de novas categorias gramaticais se dá, normalmente, por um

¹⁹ V. exemplo (18) mais acima.

processo de gramaticalização, que é a conversão de um item de classe aberta (normalmente, um substantivo ou um verbo) em um item de classe fechada, ou seja, um item pertencente a categorias como conjunções, preposições, desinências modais etc. (Haspelmath 1999).

Os gêneros gramaticais também são frutos de longos processos de gramaticalização. Em um dos possíveis caminhos de gramaticalização de gêneros gramaticais, com origem em substantivos, temos um processo com pelo menos duas etapas. Na primeira etapa, substantivos, como **homem** e **mulher**, se transformam em pronomes, e assim permitem expressar os gêneros dos seus referentes anaforicamente. A seguir, essas marcações pronominais de gênero podem ser reanalisadas como marcadores de gênero gramatical por meio de concordância sintática (Aikhenvald, no prelo).

Os classificadores nominais também têm sua origem em processos de gramaticalização. Classificadores nominais, assim como os gêneros gramaticais, servem para marcar diferentes categorias de nomes e também cumprem funções anafóricas. Os classificadores categorizam classes de seres, e tais classes variam enormemente de língua para língua. Normalmente, as classes nominais têm uma motivação semântica (Aikhenvald 2016).

É interessante especular que a criação de um gênero novo no português poderia ser interpretada como a introdução de um classificador nominal, a ser usado para classificar as pessoas de uma forma neutra quanto à identidade de gênero. Em tese, esse novo gênero gramatical teria condições de se firmar porque, assim como no caso dos classificadores nominais, ele surgiria por uma motivação semântica.

Se esse novo gênero no português funcionasse como um classificador, criado com clara motivação semântica, tal categoria gramatical emergiria por um processo de gramaticalização, com base em um item de conteúdo lexical.

Por exemplo, muitas línguas australianas possuem um classificador nominal que indica a classe dos vegetais comestíveis. Em várias línguas, usa-se o afixo **ma-** ou **-m(a)** para marcar o pertencimento de um substantivo a essa classe. Esse afixo, por sua vez, deriva do substantivo genérico **mayi** (planta comestível) (Dixon 2002: 497). Um outro exemplo pode ser encontrado na língua indonésia, na qual o classificador

orang (classe dos humanos) deriva do substantivo **orang**, que significa pessoa (Aikhenvald, no prelo). Ou seja, os classificadores nominais, assim como os gêneros gramaticais, derivam de palavras de classes abertas.

Essas condições ainda não parecem estar dadas para a criação de um terceiro gênero no português.

É bem verdade que já foram estudadas situações em que os usos de gêneros e classificadores são alterados em função de novos direitos e papéis sociais ocupados por pessoas (especialmente mulheres) que sofriam com o sexismo linguístico. Um caso interessante ocorreu com o maonan, uma língua chinesa. Nessa língua, há um classificador para humanos e outro para animais. No entanto, crianças, jovens e mulheres não entram na classe dos humanos, devendo se enquadrar na classe nominal usada para a referência aos animais (Lu 2012).

Esta situação absurda tem-se alterado, com a valorização das mulheres e das crianças na sociedade chinesa. Com isso, o marcador gramatical da classe dos humanos passou a ser usado para a referência a algumas mulheres e, também, para jovens, mas não ainda em todos os contextos (Lu 2012: 84).

Estes e outros exemplos mostram que é possível alterar os usos gramaticais a fim de evitar o sexismo e outras formas de preconceito.

É importante salientar que tais mudanças são graduais e não implicaram alterações drásticas do sistema gramatical. No caso que acabamos de citar, por exemplo, o sistema de classes nominais da língua maonan não foi transformado; apenas alguns usos foram ajustados. Um caso similar ocorreu na língua russa, na qual palavras como **vrač** (médico), que antes ocorria apenas no gênero masculino, passou também a ser utilizada no gênero feminino (Aikhenvald 2000: 347).

Conclusão

Na última seção, chegamos ao estado atual da discussão, após fazer um percurso diacrônico para tentar entender as causas linguístico-sociais do masculino genérico, agora sob uma perspectiva sincrônica. O gênero masculino já era utilizado em latim como “genérico-coletivo”, e esse uso provavelmente é uma função que o masculino

reteve do seu antecessor morfológico, o gênero animado do proto-indo-europeu. A hipótese sobre a origem do masculino genérico no proto-indo-europeu é um tema que não cabe no espaço disponível neste artigo, e será objeto de um estudo futuro. De todo modo, o fato é que o gênero gramatical masculino não é percebido hoje em dia apenas como “não feminino”. A carga semântica desse gênero gramatical, e a nomenclatura contribui para isso, é de “gênero masculino”, e o uso genérico-coletivo desse gênero gramatical é percebido como um uso linguístico que invisibiliza as mulheres e considera o ser humano do gênero masculino o ser humano por excelência, deixando as mulheres em segundo plano, como uma “variante” do masculino. Em decorrência disso, têm surgido algumas estratégias linguísticas para combater esse uso genérico-coletivo do masculino, entre elas a proposta de criação de um novo gênero gramatical, como vemos em diversos manuais de linguagem não sexista, com o emprego do **-e** em lugar das tradicionais marcas morfológicas de gênero gramatical em português, **-a** e **-o**, incluindo linguisticamente a todos, a todas e a todes.

Referências bibliográficas

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

AIKHENVALD, Alexandra Y. *How gender shapes the world*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

AIKHENVALD, Alexandra Y. *A guide to gender and classifiers*. Oxford: Oxford University Press, no prelo.

BYBEE, Joan. *Mudança linguística*. Petrópolis: Vozes, 2020.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: Exclusão linguística e invisibilidade. *Discurso & Sociedad*, v. 1, n. 2, p. 230–246, 2007.

CORBETT, Greville G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DIXON, Robert M. W. *Australian languages: their nature and development*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ERNOUT, Alfred. *Morphologie Historique du Latin: Fin de l'histoire*. Paris: Klincksieck, 1914.

GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e. *A propósito do masculino genérico em português*. Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Anais... In: XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Aveiro: 28 set. 1998.

GRANDGENT, Charles Hall. *An Introduction to Vulgar Latin*. Richmond: Tiger Xenophon, 2009.

HASPELMATH, Martin. Why is grammaticalization irreversible? *Linguistics*, ano 37, v. 6, p. 1043–1068, 1999.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, Reuben A. *On translation*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1959.

LOPORCARO, Michele. *Gender from Latin to Romance: History, Geography, Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

LU, Tian-Qiao. *Classifiers in Kam-Tai languages. A cognitive and cultural perspective*. Boca Raton: Universal Publishers, 2012.

MÄDER, Guilherme R. C.; MOURA, Heronides. M. de M. O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. *Revista do GELNE*, v. 17, n. 1/2, p. 33–54, 2015.

MARTIN, J. W. Gênero? *Revista Brasileira de Lingüística*, v. 2, n. 1, p. 3–8, 1975.

MATTOSO-CÂMARA, J. Considerações sôbre o gênero em português. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. 115–129.

MUNIZ, A. Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino. *Gazeta do Povo*, 2 jan. 2018.

POSSENTI, S. O gênero e o gênero. In: FILHO, F. R. B.; OTHERO, G. DE Á. *Linguagem “neutra”*. *Língua e Gênero em Debate*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022, p. 17–36.

WILLIAMS, E. B. *From Latin to Portuguese: Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. 2 ed. Pensilvania: University of Pennsylvania Press, 1962.

Artigo recebido em 30 de junho de 2023.

Artigo aceito para publicação em 28 de agosto de 2023.